Aveiro, 21 de Abril de 1962 * Ano VIII * N.º 391

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITANIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

JOSÉ ESTÊVÃO e os FERREIRA PINTO BASTO

Um artigo de

EDUARDO CERQUEIRA

QUANDO nós, os aveirenses, aceitamos, em concordância plena, que à nossa cidade natal, se aplicasse, com similitudes antonomásticas, a denominação de «terra de José Estêvão», tinhamo-lo eleito e erguido irrevocàvelmente como o nosso patrono cívico.

Jaime de Magalhães Lima observa, penetrantemente, como e quanto o seu espírito tutelar ficou dominando em Aveiro nas gerações que sucederam ao tribuno: «Esse homem, que se batera pela liberdade, deixara-nos escravos do seu próprio domínio; escravidão voluntária, sem embargo, no fundo um despotismo». Ninguém em Aveiro, nem mesmo aqueles que mais violentamente o combateram em vida, resistiu às virtualidades do seu prestígio e ficou imune ao sentimento unânime de respeito e veneração pela sua singular e poderosíssima personalidade. O mesmo autor, nosso insigne conterrâneo, o acrescentava na obra que lhe dedicou, por altura da celebração do centenário do nascimento do grande orador: «Viveu-se assim em Aveiro durante prolongados anos, neste temor e veneração ultra-tumular de uma magestosa figura, sob a soberania de uma alma nobre entre as mais nobres. Nesta sujeição se vive ainda. E oxalá em igual obediência os vindouros possam viver no correr dos séculos!»

O voto formulado por Jaime de Magalhães Lima, há cinquenta e três anos, porque em idêntica sujeição se vive ainda, agora que se avizinha o centenário da morte do maior dos aveirenses, conserva o mesmo actual significado. E as nossas comemorações exprimirão exactamente a sobrevivência dessa sujeição e a renovação do mesmo desejo para o porvir.

Aliás, esse lutador intrépido, esse paradigma de inteireza e isenção moral, que pode ser tomado como que a personalização simbólica de um ideal, foi um semeador de amizades e dedicações. Era desses homens, da têmpera e da generosidade do Duque da Terceira, que «pelejavam de de manhã e se abraçavam à tarde». Foi amado, disse um dos seus biógrafos, porque amava. E em toda a parte criou amigos fidelíssimos: em Aveiro, em Trás-os-Montes, na Beira Alta, nos Açores, onde quer que algum dia o levasse a sua vida agitada de prosélito e apóstolo de uma causa que apaixonadamente serviu e exaltou. Todos se lembram, decerto, daquele sargento-mor de ordenanças, António de Oliveira Pereira, em casa de quem o moço soldado do Batalhão Académico foi acolhido no Faial, que se lhe afeiçoou como aos próprios filhos; e da velha criada Bárbara — e não só bárbara por antítese onomástica, porque também o coração de extraordinária riqueza afectiva se escondia timoratamente por detrás de uma brusquidão de modos e um carregado sobresenho que lhe davam enganadores ares de rudeza e secura — que foi a sua enfermeira maternalmente desvelada. Todos se recordam daquele dedicadíssimo Padre António, ingénuo como uma criança, forte como um toiro, que o acoitou durante a perse-

Continua na página 4

UMA FOLHA DE AGENDA

pelo DR. FREDERICO DE MOURA

GOSTO muito de conversar. Posso mesmo acrescentar que julgo que o diálogo é das coisas que mais me podem ligar ao semelhante, reconhecendo, embora, ao mesmo tempo, que começa a haver muito pouco quem suporte a troca de impressões e de ideias.

E entende-se que assim seja.

Numa época de fórmulas e de conceitos estereotipados, num tempo, como o nosso, de preguiça mental em que todos procuram a felicidade fornecida ao domicílio por encomenda, é natural que uns tristes e meditativos sujeitos que teimam em dilucidar as ideias catando-lhes incoerências no interior, não encontrem quem esteja disposto a dar-lhes despesa de conversa.

Se agora, mais do que nunca, se adopta o critério pragmático de que a verdade é situada e definida pela utilidade de que é capaz, se a especialização confina o indivíduo na condição de apertador de porcas numa feira, se a corrida ao regalo puramente sensorial é o núcleo de todo o ócio, como poderá ter aceitação um caturra que insiste em colocar dúvidas à porta da estabilidade cómoda de conceitos que funcionam como dogmas inabaláveis?

Dissociado o saber, por imperativo das ciências particulares e das técnicas, caiu-se no exagero de transformar o parcelamento num supremo bem, levando o homem a uma auto-restrição que o deixa resumido até ao esqueleto e com uma órbita de interesses, tão acanhada, que lhe não permite mais do que apertar as suas porcas na fieira que lhe está confiada, transformando-o num servo adstrito a uma máquina cega ou a um pequeno departamento.

Li, há dias, numa revista de medicina, que a especialização levada às suas últimas consequências, nos daria um exemplar humano que «soubesse tudo de nada». Subtraído o evidente exagero e uma tintinha de sofisma que a coisa contém,

Continua na página 2

Uma opinião do Dr. Francisco Rendeiro

FRENTE PATRIÓTICA

5

Seis sujeitos, sem predicados, não são oração; se multiplicados por muitos gritos, parecem multidão. Se descobertos, podem ser dizimados com um repelão. Estas palavras, alinhadas na vertical, podiam passar por poesia barata, fancaria, com o título seguinte: «as coisas são o que são e não o que parecem.» Título velhíssimo, possìvelmente oriundo do nosso berço indo-europeu.

Nem têm conta, os anos passados sobre a constatação dessa verdade, podendo até ter sucedido, em estadio pregresso, que tenha influenciado a evolução para o hominideo que somos: posição erecta, olhos no rosto, com largo arco de visão — vantagem evidente sobre todos os outros mamíferos.

Pois, apesar de tudo, há quem continue a afirmar que *as coisas são o que parecem!* Assim, o alfaiate afirma que o fato faz o homem, ao contrário do que se sabe e se verifica nas alfaiatarias, onde o homem faz o fato — e por que preço! E noutros sectores, idem, idem. Até na política tem aparecido, quem baseie a *sua política* na inversão do velhíssimo rifão da sabedoria popular, com resultados catastróficos: Estaline foi «pai dos povos» enquanto vivo; autopsiado pelo grande anatomo-patologista Kruchev, verificou-se não ser pai, mas sim monstro, o que provocou uma confusão dos diabos entre os comunistas de todo o Mundo, que, desde aquela memorável autópsia, ainda não acertaram no que realmente são, pelo que, quando se juntam, se entreolham, desconfiados uns dos outros, e se interrogam: stalinista ou oportunista?

Sim, senhores leitores, oportunismo também é uma filosofia de vida, ou melhor, um modo de a levar, sejam quais forem «os ventos da História.»

O oportunista está-se nas tintas para tudo o mais, desde que corra o cobre — «tão bonito, o maganão, tlim, papo» e é assim que vemos homens parecerem dragões chineses por cujas goelas hiantes chispam línguas de fogo contra o imperialismo capitalista, deixar barcos e redes para filar a pepita de ouro que luza na areia do rio.

Vossas senhorias conhecem muitos casos, bem sabemos; não vale a pena enumerá-los, etiquetá-los, mas quando lhes aparecerem a propor-vos o paraíso soviético ou a sua variedade doméstica, digam-lhes em francês, podre de *chic*: — *Je te connais mon masque!* Não tenham dúvidas, «as coisas são o que são e não o que parecem».

Mussolini pretendeu que a política era o que parecia: desatou a fardar os homens, a cobri-los de insígnias, a arregimentá-los em marchas espampanantes; abriu as goelas das balilas em cânticos

Continua na página 2

COVILHÃ 3
4 BEIRA-MAR

Frente Patriótica

Continuação da primeira página

apaixonados de vitória, antes da batalha e, num instante, tudo ruiu com ele e a sua Clara.

Somos pó e ao pó reverteremos — matéria que, em lapso curtíssimo do tempo cósmico, se anima de vida. Para que havemos de roubar a esse instante de divina consciência, a alegria, a paz, a ventura da verdade?

Somos muitos, somos demais? Que importa? Procuremos ser justos, que chega sempre para todos.

Os oportunistas, agora chamados devoristas ou videirinhos, esses é que açambarcam tudo: cargos, empresas, profissões, clientelas, rendas, fazendas, fábricas, negócios. Mudam como camaleões para as várias cores do espectro político e social, inventam reuniões, onde todos se juntam mascarados de seres eminentemente sociais e benemerentes, para se darem as mãos e certificarem, em cordial abraço, que *isto* continua a ser a sua finca.

E é que é, disso não há dúvida. O mais é garganta.

Nessa praga de roedores está o inimigo público n.º 1. E' contra ela que nos devemos volver todos, desmascará-los, apontá-los com o indicador, estigmatizá-los, para que não possam passar despercebidos em parte alguma, onde se apresentem a impingir as suas untuosas larachas. E rir, rir às gargalhas, deles e dos sécias que com eles gozam; troçá-los, até que constitua escândalo público, ridículo título, ser comendador por ser rico.

A coisa já chegou ao extremo de serem, esses cofres ambulantes, que, da riqueza fazem o seu único objectivo, nobilitados por quem prega o desprezo dos bens do Mundo e a sua troca pelos bens do Céu!

Neste clima morrem as Pátrias. Assim sucederá à Pátria Portuguesa, se não sacudirmos o torpor que nos injectaram com a mistura da mentira e da hipocrisia.

* * *

Somos um povo saturado de mendigos. Do mais baixo ao mais alto escalão social, o País está infestado por uma praga de mendigos, que, em vez de preferirem a elegante verticalidade de quem trabalha e poupa para ter a satisfação tão humana da independência individual, topamos a cada canto desbarretados, de mão estendida, a pedir a esmola de tostões ou de contos.

Gizam-se planos complicados para cercar e apanhar as vítimas. Os desbarretados não se sentem diminuídos e vão pela vida fora na posição degradante de curvados, a murmurar ou a engolir palavras de ódio contra um ou outro passante que, no trabalho, encontrou a vida elegante que lhe dá ventura.

Essa massa de gente untuosa constitue um visgo social que embaraça o progresso dos povos e das nações. Em Portugal nunca houve quem se ocupasse da limpeza dessa substância aderente e, contudo, ela é fortíssimo empecinho à indispensável aceleração do *tempo* em que decorre a vida portuguesa para sintonizar com a vida europeia.

Que admira o nosso atraso em todos os domínios?

Quantas preciosas horas se perdem a atender mendigos?

E quantas pessoas, quase profissionais de colher esmolas, espalham em todo o orbe português o virus da pedinchice?

Assim não se formam homens que enfrentem a vida e a morte com a mesma serena coragem.

Vem a guerra e a pedinchice alastra, como piolho branco, nas repartições, em busca de uma isenção de serviço militar.

Este é o espelho que reflecte o estado a que chegou o País, depois de séculos de escorbuto moral, por deficiência da vitamina que dá fibra à humanidade.

A um médico logo surge a ideia da profilaxia de tão grave e espalhado mal, como preferível ao tratamento de irrecuperáveis para a higidez social.

Celebrou-se em Abril de 1962 o Dia Mundial da Saúde. Este ano foi consagrado à profilaxia da cegueira. Lemos e ouvimos belas e certíssimas palavras, mas nem uma sobre a profilaxia da cegueira mental que nos conduziu às trevas acima descritas.

* * *

A que vêm os dois capítulos anteriores, na «Frente Patriótica»?

A «Frente Patriótica» é a primeira linha espiritual de combate ao derrotismo actuante ou larvado que ataca as almas e os corações para fazer dos portugueses um rebanho de escravos de uma tirania estrangeira. Serve de altar de purificação dos pensamentos e dos sentimentos, ao qual se ajoelham, só os que querem redimir, com a Pátria, a sua própria vida; é o orgulho legítimo de homens que assumem a posição erecta de senhores da sua terra e erguem nos braços fortes os escudos heráldicos de oito séculos de História que nos moldou em povo com expressão verbal própria. Não podem associar-se-lhe os trôpegos, porque o seu ritmo é acelerado, como impõe a ferocidade do inimigo que se levanta em guerra contra Portugal de todos os cantos da Terra e usa de todos os processos para nos vencer. Ainda menos podem associar-se-lhe os cegos mentais que, mesmo depois da penetração do inimigo na fortaleza das nossas Universidades, continuam a negar a sua existência, como acontece com muitos países, deslumbrados pelos desacertos infantis dos filhos; ou os que odeiam por tal modo que parecem feras esquecidas de tudo o que não seja saciar o próprio ódio; ou os mendigos que renunciaram à condição de homens e a quem é indiferente o dono que sirvam.

A «Frente Patriótica» não é um tablado de propaganda política sectária, de onde se ataque outrem para exaltação própria.

Do nosso conceito de liberdade faz parte o que no Mundo inteiro se chama *fair play* e está na base de relações humanas decentes, entre civilizados. «O seu a seu dono», sem o que não há liberdade mas sim licença, demagogia, tirania.

Em Belgrado, o ex-comunista Milan Dgilas, antigo vice-presidente da República comunista Jugoslava, acaba de reentrar na cadeia por ter publicado no estrangeiro, dada a impossibilidade de o fazer na sua Pátria, «Esperança, Dúvida, Desilução.» E' este o conceito de liberdade no mundo comunista. Chamamos para ele a atenção dos leitores, porque é a antítese do que deu aos portugueses um século de paz, durante o qual se produziram as magníficas florações de Chaimite e Culela, no prosseguimento da missão universalista — portanto antinacionalista — que definiu a originalíssima política portuguesa desde o reinado de D. João I.

Já o fizemos anteriormente, mas não nos cansamos de repetir um chamamento que, se não for ouvido, trará a Portugal dias sombrios, quiçá o caos, que os comunistas preconizam como o primeiro passo para a implantação da ditadura totalitária comunista. Não há problema que não possa resolver-se com boa vontade, paz e liberdade. Este é o tríptico que a «Frente Patriótica» propõe para a reconciliação nacional, para nos libertar de querelas mesquinhas e tornar-nos dignos e efecientes colaboradores do surto de progresso que empolga Angola e Moçambique para grandes destinos glorificadores da lusitanidade.

Está tão espalhado o encolher de ombros entre os que supõem ter encontrado nesse gesto de macaco a suprema esperteza para derrotar outrem, que a «Frente Patriótica» timbra em declarar, sem papas na língua, o que é e o que não é. Não queremos mais um cambão a promover a degenerescência de Portugal. Desde que ouvimos um senhor, saído de luxuoso *espada*, convidar-nos e aos presentes, a *manter uma frente unida de recepção amiga ao Exército Vermelho, para não sermos esmagados por ele* — Exército Vermelho, ficamos a avaliar a que profundezas abismais desceu o conceito de liberdade e desde logo formámos o propósito de propôr a formação de uma frente de homens livres e portugueses que tenham orgulho de serem uma e outra coisa, sem transigências de qualquer espécie, e conscientes de que só podem ser livres, se forem portugueses e vice-versa. A Pátria é a garantia da nossa liberdade. Para a sua criação e consolidação lutaram e morreram muitos dos nossos antepassados ao longo de muitos séculos e em todos os continentes e mares do Mundo.

Não vamos, agora, patetamente, enterrar a cabeça na areia, como a avestruz, e ceder a uma arruaça.

Vamos, sim, lutar e morrer, se necessário, para que continue a Pátria livre de portugueses livres.

Francisco Rendeiro

Uma folha de Agenda

Continuação da primeira página

fica ainda muito para se dizer que a frase guarda uma essência verdadeira.

Ora o mal não está na especialização, cuja necessidade é evidentíssima, mas no especialismo que é uma sorte de estilo de vida que deforma a visão e confina o espírito num compartimento estanque.

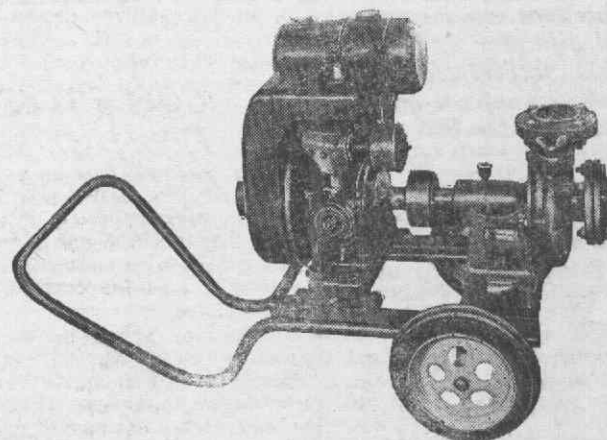
Todos entendemos que a extensão espantosa do saber humano, mormente no que diz respeito ao saber científico, gerou a impossibilidade do enciclopedismo absorvente e que a própria envergadura das ciências particulares impôs a divisão do trabalho para os seus servidores. Simplesmente, se a esses especialistas se não dá um suplemento cultural que lhes humanize as vivências e lhes alargue a visão, caímos numa caótica Babel em que os homens se não podem entender, dada a dissemelhança das linguagens de que se servem.

Hoje, por exemplo, ouvi durante uma hora um especialista tão confinado na sua vedação e tão incapaz de sair dela, que me veio à tona da retentiva a imagem do Chaplin com o seu tic de apertador de porcas, nas «Luzes da Cidade».

Realmente, aquele homem, durante uma hora inteira não conversou, não permitiu o diálogo, não trocou ideias nem problematizou, de tão ocupado que estava a manobrar a sua chave inglesa. E nenhum de nós, os circunstantes, foi capaz de lhe fazer uma objecção, de lhe dar um estímulo, de lhe manifestar um interesse. A sua palavra semeava a secura, abria clareiras desérticas no panorama humano dos ouvintes passivos que suportavam o discorrer.

E' uma coisa de fugir a deformação profissional! Estrangula as ideias no próximo, impossibilita a controvérsia e obnubila a atenção do interlocutor mais resignado e paciente, deixando uma tertúlia em completa narcose.

O daltonismo profissional daquele sujeito conseguiu levar, hoje, a conversa a uma fase glaciar, desencadeando um andaço de bocejos, sem que o desgraçado se apercebesse de que era tempo de adornar o assunto com qualquer condimento que lhe amenizasse a agressividade de piteira e lhe almofadasse a dureza de corno. Nem nenhum acompanhamento a derreter o gelo do perorar monocórdico, o descarnado da motivação nuclear, foi afastando, um a um, os companheiros enquanto o triste continuava a tocar o seu bandolim numa corda só.

Frederico de Moura

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO DA PROVA

O último domingo foi amplamente favorável aos grupos visitados como que a contrariar a decantada vantagem que se atribui às turmas que jogam «em casa». Destas, na realidade, só a Académica triunfou! — em jeito de quem «salva a honra do convento»...

Os seis jogos restantes terminaram com três empates (conquistados pelo Sporting em Olhão, pelo Porto no Restelo, e pela C. U. F. na Luz) e com três vitórias de grupos que se deslocaram (Beira-Mar na Covilhã, Leixões no Campo do Eng.º Vidal Pinheiro, e Atlético em Évora).

Empataram os quatro primeiros da tabela — pelo que, na frente, a luta pelo título se mantém igualmente viva e plena de interesse para «leões» e portistas, pois os campeões europeus devem ter cimentado, no domingo, as suas aspirações à revalidação do cepto nacional.

Na metade inferior da tabela, o herói da jornada foi o Beira-Mar, mercê de uma valiosíssima vitória na Covilhã, que deixou os covilhanenses na contingência de descerem automàticamente à II Divisão! Os aveirenses, com nova e firme passada no caminho de recuperação em que empenhadamente se lançaram, podem agora aspirar a livrarem-se também dos sempre ingratos jogos do torneio de competência.

Na zona intranquila estão ainda a Académica, o Olhanense, o Guimarães, o Lusitano, o Beira-Mar, o quase condenado *Covilhã e o* condenadíssimo *Salgueiros...*

Prometem, por isso, ser de enorme sensação as três derradeiras jornadas da prova, que foi novamente suspensa agora e que continuará em 13 de Maio próximo.

Aguardemos, portanto.

● Resultados gerais:

Belenenses, 3 — Porto, 3
Lusitano, 0 — Atlético, 1
Benfica, 1 — C. U. F., 1
Académica, 3 — Guimarães, 0
Covilhã, 3 — Beira-Mar, 4
Olhanense, 1 — Sporting, 1
Salgueiros, 0 — Leixões, 4

● Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	23	16	5	2	57-16	37
Porto	23	16	5	2	48-14	37
Benfica	23	13	7	3	58-32	33
C. U. F.	23	12	5	6	38-28	29
Atlético	23	11	4	8	40-32	26
Belenenses	23	9	7	7	44-35	25
Académica	23	9	3	11	43-45	21
Olhanense	23	7	6	10	31-38	20
Guimarães	23	8	3	12	40-41	19
Leixões	23	8	3	12	39-53	19
Lusitano	23	8	2	13	26-34	18
Beira-Mar	23	7	4	12	37-52	18
Covilhã	23	5	4	14	27-43	14
Salgueiros	23	2	2	19	16-81	6

Quarta vitória consecutiva!

COVILHÃ, 3 — BEIRA-MAR, 4

Jogo no Campo do Dr. José Santos Pinto, na Covilhã, sob arbitragem do sr. Álvaro Rodrigues coadjuvado pelos srs. António Lopes da Rosa (bancada) e António Ferreira dos Santos (peão), todos de Coimbra.

COVILHÃ — Rita; Patiño, Cavém e Lourenço; Làzinha e Couceiro; Palmeiro Antunes, Adriano, Adventino, Joab e Amílcar.

BEIRA-MAR — Bastos; Valente, Liberal e Girão; Evaristo e Jurado; Miguel, Marçal, Diego, Chaves e Azevedo.

Marcha do resultado: 0-1, por AZEVEDO, aos 11 m.; 1-1, por PALMEIRO ANTUNES, aos 45 m.; 1-2, por CHAVES, aos 60 m.; 2-2, por ADVENTINO, aos 62 m.; 2-3, por MARÇAL, aos 64 m.; 2-4, por CHAVES, aos 85 m.; e 3-4, por AMÍLCAR, aos 90 m..

Como se previa, o encontro teve emoção a rodos, interessando vivamente os jogadores e o público de começo até final.

Na realidade: ocupando, na tabela, posições totalmente indesejáveis e ingratas, Covilhã e Beira-Mar (sobretudo o primeiro) jogavam uma partida *de vida* — para o vencedor — *ou de morte* — para o vencido...

Animado pelo golo que obteve a premiar a frequência dos seus ataques iniciais, o Beira-Mar actuou sempre com consciência e disciplina de jogo, mesmo quando, a partir dos 15 m., ficou com menos uma unidade: Evaristo, que o árbitro expulsou severamente, sem qualquer prévia advertência, após uma carga do médio aveirense a Adventino, em lance que o jogador serrano soube *teatralizar*...

Esta imprevista incidência determinou que o desfalcado onze beiramarense logo pensasse em segurar a sua vantagem, ante o natural assédio dos covilhanenses, insatisfeitos com o seu atraso na marcação.

Foi o que aconteceu. O Covi veio em massa para o ataque, mas atabalhoadamente. Assim mesmo, chegou à igualdade, nos derradeiros instantes da metade inicial. E o Beira-Mar, defendendo o seu avanço, reforçou a defensiva — todavia sem nunca ter descurado os contra-ataques, a que sempre imprimiu um selo de muito perigo.

Após o reatamento, os negro-amarelos voltaram a adiantar-se, permitiram nova igualdade e desempataram de novo, para reforçarem depois a margem favorável do *score*. Este viria ainda a sofrer nova alteração, ao expiar do tempo do desafio, a fixar em números tangenciais o desfecho.

Com 2-3, aos 75 m., Adventino — anteriormente advertido por idênticas faltas — foi expulso por ter pontapeado o *keeper* aveirense...

Sempre mais calmos e conscientes, os beiramarenses foram, também, mais aplicados e lutadores — verdadeiramente notáveis e inultrapassáveis no seu espírito de sacrifício e na sua determinação de não perderem o jogo.

Tellechea fez com que a equipa actuasse no sistema que mais lhe convinha, planeando uma manobra que, inteligentemente posta em prática, veio a dar os melhores resultados. Diego recuou e veio a ser óptimo e incansável elemento do último reduto aveirense, que se impôs e conseguiu fechar as zonas de infiltração e os ângulos de remate dos serranos. E, na frente, como duas lanças, imaginosos, irrequietos e sem posição definida, «vagabunderam» Miguel e Chaves, apoiados por Marçal e, às vezes, ainda por Azevedo.

Bem imaginado, o sistema deu um precioso êxito ao Beira-Mar: na sua base, estiveram o empenho

Continua na página 5

Basquetebol

Campeonato Nacional da II Divisão

● Resultados da quarta jornada da primeira volta:

Sport, 34 - Olivais, 44; Centro Universitário, 43 - Galitos, 34; Vasco da Gama, 53 - Vilanovense, 37; Esgueira, 46 - Guifões, 39; Leça, 40 - Fluvial, 20; e Sangalhos, 34 - Sporting Figueirense, 41.

A ronda forneceu duas notas dignas de registo: a primeira vitória do Esgueira, e a primeira derrota (com a agravante de ser *caseira*) do Sangalhos. Assim, isolaram-se no comando das sub-séries nortenhas, ambos invictos, o Vasco da Gama e o Sporting Figueirense.

Esgueira, 46 - Guifões, 39

Jogo no Campo da Alameda, sob a direcção dos srs. António Rino e Aureliano Silva.

Esgueira — Ravara 2, Raul 2, Calisto 2. Américo 17, Vinagre 8 e Virgílio 15.

Guifões — Ferreira 7, Sobreiro, Matos 9, Manuel 2, Sousa 11, Mota 10 e Maia.

1.ª parte: 24-19. 2.ª parte: 22-20.

Triunfo inteiramente justo dos aveirenses, num prélio sempre equilibrado.

Centro Universitário, 43
Galitos, 34

Jogo no Estádio Universitário, sob arbitragem dos srs. Salvador Silva e Cardoso Martins.

Centro Universitário — Marta 4, Meneses 2, Martins 4, Vaz 7, Espírito Santo 12. Oliveira 2, Amoroso 10 e Quinteira 2.

Galitos — João Carvalho, José Fino 5, Raul 12, Mendes 15, Sarrico, Albertino 2 e João Naia.

1.ª parte: 19-16. 2.ª parte: 24-18.

A partida constituiu um bom espectáculo, tendo muitos períodos de franco agrado. Os aveirenses opuseram réplica firme e valorosa, mas os portuenses ganharam com merecimento.

Sangalhos, 34
Sporting Figueirense, 41

Jogo no Campo do Colégio, sob arbitragem do sr. Manuel Bastos.

Sangalhos — Feliciano 4, Alberto 4, Amândio 8, Valdemar 14, Rosa Novo 2, Calvo 2, Afonso e Carlos.

Sporting Figueirense — Jacques, Martins 2, Penicheiro 16, Amaral 8, Monteiro 13 e Silva 2.

1.ª parte: 11-16. 2.ª parte: 23-25.

Pouco seguros e desastrados, os campeões aveirenses foram derrotados — sem apelo — pela turma-sensação da prova.

Jogos para amanhã (início às 11 horas) — Vilanovense - Sport, Olivais - Centro Universitário, Galitos - Vasco da Gama, Sporting Figueirense - Esgueira, Guifões - Leça e Fluvial - Sangalhos.

Campeonato Nacional da III Divisão

Série de Aveiro

● Resultados das primeiras jornadas:

1.º dia — Amoníaco, 28 - Illiabum, 29 e Sanjoanense, 59 - Recreio, 29. *2.º dia* — Illibum, 30 - Sanjoanense, 46 e Recreio, 46 e Recreio, 23 - Amoníaco, 21.

● Jogos para amanhã — Sanjoanense - Amoníaco e Recreio - Illiabum.

Andebol de 7

CAMPEONATO DISTRITAL

Beira-Mar, 20 — Avanca, 10

Jogo em Aveiro, na noite do último sábado. A'rbitro — Francisco Oliveira.

BEIRA-MAR — Abílio; António Cerqueira 2, Pompílio 1, Alfarelos 6, Machado 4, Lé 2 e Picado 3. *Supls.* — Paulo 1 e Domingos Cerqueira 1.

AVANCA — Alberto; Fernandito 2, Zeferino 4, Coelho 1, Nunes 3 e Pombo. *Supls.* — Domingos, Avelino e Abreu Freire.

Marcha do resultado: 0-1, Fernandito; 1-1, Alfarelos; 1-2, Nunes; 2-2, Pompílio; 3-2, Lé; 4-2, Machado; 5-2, António Cerqueira; 5-3, Zeferino; 6-3, Machado; 7-3, Machado; 7-4, Zeferino; 8-4, Alfarelos; 9-4, António Cerqueira; 9-5, Zeferino; 10-5, Picado; 10-6, Nunes; 11-6, Alfarelos; 11-7, Nunes; 12-7, Paulo; 13-7, Alfarelos; 13-8, Coelho; 14-8, Alfarelos; 15-8, Lé; 16-8 Alfarelos; 16-9, Fernandito; 17-9, Picado; 17-10, Zeferino; 18-10, Domingos Cerqueira; 19-10, Picado; e 20-10, Machado.

1.ª parte: 10-5. 2.ª parte: 10-5.

Os jovens beiramarenses actuaram em bom plano, provando que o seu *team* poderá, no futuro, vir a dar muito que falar...

A turma dos negro-amarelos obteve um êxito robusto e inteiramente justo, a premiar a sua boa exibição.

●

Outros resultados (8.ª jornada):

Académica, 19 — Amoníaco, 12
Escola Livre, 14 — Espinho, 9
* *Escola Livre, 9 — Académica, 22*

* — Jogo em atraso, da 7.ª jornada

●

Por decisão da Direcção-Geral dos Desportos, foram suspensos os diversos campeonatos regionais de andebol, enquanto decorrer a visita à Guiné da Selecção Nacional.

Assim, já não se realizou o desafio *Sanjoanense-Atlético Vareiro,* da oitava jornada da prova aveirense.

Hóquei em Patins

Para preparação das respectivas equipas, que, na próxima semana, principiam a disputar o Campeonato do Centro, Académica e Galitos promoveram a realização de duas jornadas de treino entre os seus grupos representativos, em Coimbra (dia 6) e em Aveiro (dia 13).

Em ambas as sessões de treino se realizaram dois desafios, de que a seguir publicamos breves notas.

Em Coimbra

Académica, 10 - Galitos, 4

Jogo de seniores

Académica - Franqueira, Cunha 2, Pedro 1, Rocha 6 e Beja 2.

Continua na páginа 5

REMO

Com toda a normalidade, têm decorrido no presente mês de Abril os treinos dos remadores da prestigiosa Secção Náutica do Clube dos Galitos, iniciados no passado dia 2.

A orientação dos atletas alvi-rubros foi confiada a João Dias de Sousa, José da Maia Romão e António Charneira.

Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão Coelho de Magalhães

Uma nota da Comissão Municipal de Cultura

I — A Câmara Municipal de Aveiro tornou público em 7 do corrente que encarregara a Comissão Municipal de Cultura de preparar e programar as Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão.

II — Esta deliberação camarária foi sancionada por despacho do Ex.[m] Governador Civil do Distrito, datado de 10 do mês corrente e publicado nos jornais locais de 14 do mesmo mês.

III — A referida Comissão Municipal de Cultura teve a satisfação de receber a espontânea oferta de colaboração de entidades que solicitamente se propunham realizar comemorações cívicas de idêntica finalidade.

IV — Com a ideia de realmente levar a efeito um programa que honre e dignifique a memória do insigne tribuno aveirense, a Comissão Municipal de Cultura julga-se devidamente autorizada, para poder cumprir o que a honrosa e grata lembrança do homenageado lhe impõe.

V — Acontece porém que apareceu em alguns jornais de 13 do corrente a notícia de que a Comissão promotora das Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão deslocou-se a Lisboa, para convidar o Senhor Engenheiro Cunha Leal a proferir nesta cidade, no dia 16 de Maio... uma conferência sobre o grande Tribuno e a Revolução de 1828.

VI — Finalmente, e para que tudo seja colocado no lugar competente, esta Comissão Municipal de Cultura, encarregada e autorizada oficialmente das mencionadas Comemorações, esclarece que nada tem a ver com esta outra comissão que se intitula de «promotora das Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão».

Adiado para o dia 29 o encerramento da «Feira de Março»

A tradicional e típica «Feira de Março», que normalmente dura de 25 de Março a Abril, prolonga-se este ano até 29 do corrente mês.

Reunião de Antigos Alunos do Liceu de Aveiro

Os antigos alunos do Liceu Nacional de Aveiro que finalizaram os seus estudos na nossa cidade no ano lectivo de 1957/1958 têm vindo a realizar todos os anos uma simpática festa de confraternização, com o fim de fortalecer os laços de amizade entre todos os estudantes daquele curso.

Este ano, a reunião foi marcada para a próxima terça-feira, dia 24, em Aveiro.

Exposição de Pintura

Os jovens artistas António Borralho e Orlando José inauguraram no salão nobre do Teatro Aveirense, no pretérito sábado, uma exposição de trabalhos de pintura.

O certame estará patente ao público até à próvima quarta-feira, dia 25 de Abril corrente.

Augusto Sereno

no «58.º Salão da Primavera»

Muitos foram os trabalhos recusados pelo júri de admissão do «58.º Salão da Primavera» — mais de metade! —, o que significa um louvável escrúpulo tendente a valorizar o importante certame que, desde o dia 16, se patenteia nas Belas - Artes.

Entre as 123 obras expostas — óleos, gravuras, aguarelas, têmperas, desenhos, gessos, patinados, cerâmicas, ferros, bronzes, talhas, xilogravuras — encontra-se um trabalho de Augusto Sereno, que ainda não conhecemos, mas que a crítica classifica de «cuidada e feliz imagem dos estaleiros da Gafanha da Nazaré — excelente desenho, concepção moderna».

Sereno é um autodidacta, que há muitos anos trabalha em Aveiro.

A sua persistência merece incondicional louvor; o melhor foi-lhe dado agora, e insofismàvelmente, pelo júri selectivo do «Salão da Primavera».

Incitamo-lo a prosseguir — ardentemente desejando vir a assinalar nestas colunas novos triunfos estéticos do voluntarioso amador.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

* Em 11, com destino a Lisboa, saiu, em lastro, o navio tanque *Sacor*.

* Em 12, procedente de Setúbal, entrou o galeão a motor *Praia da Saúde*, com um carregamento do cimento.

* Em 13, saiu, para o Porto, o galeão a motor *Praia da Saúde*, vazio.

* Em 15, vindo de Lisboa, demandou a barra o navio-tanque *Sacor*, com gasolina pesada, que, no dia seguinte, 16, depois de descarregado, regresou a Lisboa.

Pesca da Sardinha

No pretérito dia 15, deu-se início à safra da pesca da sardinha e, felizmente, com magníficos resultados.

José Estêvão e os Ferreira Pinto Basto

Continuação da primeira página

guição que lhe moveram os «cabrais» — esse Padre António, que, conforme testemunha Bulhão Pato, tinha por José Estêvão o amor sem limites, e de noite, iludindo a vigilância da polícia, o acompanhava até fora de Lisboa, para o tribuno poder desabafar e falar — que, senão estouava: «Padre António não entendia, mas contemplava a figura do seu dilecto amigo, ouvia-lhe a voz apaixonada, sentia as palavras — liberdade, igualdade, fraternidade, humanidade — e desatava a chorar!» Todos têm na memória que quando, nesse período, a sua bela cabeça fora posta a prémio, e a moradia do Padre António teve de ser trocada por outros lugares que se não tornassem fácil alvo de suspeitas, lhe foi proporcionado refúgio numa casa do próprio rei. E todos conservam reminiscência do prior Assenço que lhe ganhou uma eleição famosa ou dos senhores Barbosas que nunca pronunciaram o nome do patrício egrégio que não fosse de pé, ou, ao menos, num esboço de levantar-se dos mochos onde passavam sentados os dias, na loja já vazia dos Balcões. Aliás, se ainda agora não é raro, há duas ou três dezenas de anos era frequentíssimo que nas residências dos aveirenses houvesse um retrato, uma estampa, num copo, numa caneca, do egrégio conterrâneo, os seus discursos, algum jornal que lhe houvesse sido dedicado, uma qualquer lembrança de qualquer natureza. Mais que admiração José Estêvão despertara o afecto. Esse era, sem dúvida, um dos seus condões e predicados.

Vem, talvez, a propósito recordar — e julgo que é o momento de rememorar, de recordar tudo o que respeite ao soldado, ao parlamentar, ao jornalista, ao professor, ao advogado, ao académico, ao homem que se bateu por um ideal, ao aveirense que amou profundamente a sua terra — as relações de José Estêvão com uma família que na região manteve uma relevante posição e importância e pela memória do ilustre aveirense conservou veneração constante e fiel. Refiro-me à família Ferreira Pinto Basto — do fundador da fábrica da Vista Alegre.

O estreitamento de relações de José Estêvão com José Ferreira Pinto Basto data de 1837, quando pela primeira vez, com vinte sete anos, o grande tribuno foi eleito deputado, e ambos tiveram assento na Câmara. Luís Cipriano recomendara o filho dilecto ao antigo colega da legislatura de 1835-36, com quem travara relações em Aveiro, na década anterior, na altura em que José Ferreira Pinto Basto, como diria o ardoroso parlamentar no «Elogio histórico» que sobre ele pronunciou no Conservatório Real de Lisboa, «votou todo o caudal do seu espírito, toda a cópia dos seus meios, às empresas industriais e exercitou nelas com entusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento público e os seus sentimentos de beneficência», e não só fundou a fábrica da Vista Alegre, mas pretendeu criar uma fábrica de soda, no Alboi, e levantou, no Cojo, a casa dos Moínhos, onde hoje se encontra instalada a Capitania do Porto.

À sua chegada a Lisboa foi hóspede do empreendedor industrial, cujas iniciativas se estendiam do Norte ao Sul do País e de quem «se dizia, claro com exagero, que viajando em Portugal, podia em cada noite ficar em casa sua». Dois anos de convivência, pois o fundador da fábrica da Vista Alegre faleceu em Setembro de 1839, estabeleceram uma mútua admiração e um recíproco afecto («As lágrimas de amizade molharão o ramo do cipreste que mandais depositar sobre a sua campa», dirá José Estêvão naquela oração).

Os mesmos sentimentos de amizade manteve José Estêvão pelos descendentes de José Ferreira Pinto Basto, que aliás fielmente lhos retribuiram e sempre lhe manifestaram a mais firme dedicação ou o maior carinho pela sua memória.

A única vez que José Estêvão advogou na sua terra natal foi na defesa de um filho do seu antigo companheiro na Câmara dos Deputados, Alberto Ferreira Pinto Basto, acusado de, com algumas pessoas de Ilhavo, haver praticado quaisquer irregularidades eleitorais. Não é agora o ensejo de assinalar o interesse que despertou a vinda do grande orador ao Tribunal aveirense, pois, aliás, ficou na recordação, «terem feito cauda que se estendeu pelo largo municipal fora, os que ali não couberam» e, «levando a audiência dois dias, ninguém ter arredado pé, enquanto José Estêvão não falou, e isto sucedeu só no fim da tarde do segundo dia». Marques Gomes, rematando o relato do julgamento, cujos ecos lhe chegaram dos próprios assistentes, que dele guardavam impressão inolvidável, escreveu, como se fosse impossível admitir quaisquer dúvidas sobre a sentença: «Escusado será dizer que Alberto Ferreira Pinto e os seus companheiros foram absolvidos por unanimidade».

A seu turno, os proprietários da fábrica da Vista Alegre, inalteràvelmente mantiveram a sua afeição por José Estêvão, e lhe prestaram decisiva colaboração e apoio, mencionadamente, nas eleições em que teve como antagonista Manuel Firmino e correu risco de perder o seu lugar na Câmara.

Foi, aliás, no jazigo da família Pinto Basto, no cemitério dos Prazeres de Lisboa, que os restos mortais de José Estêvão ficaram depositados, até a sua trasladação para Aveiro — durante cerca de dois anos, «ali dormiu o sono eterno da morte a voz mais eloquente que nos modernos tempos honrou esta terra», lia-se, então, no «Diário do Governo». O último jornal fundado pelo extraordinário orador, «O Distrito de Aveiro» notou, pela pena de Jacinto Augusto de Freitas Oliveira: «Coincidência notável! Quando José Estêvão chegou a Lisboa, foi hospedado em casa de José Ferreira Pinto Basto, e foram todos os membros daquela respeitável família que esperaram o cadáver de José Estêvão, junto da porta do seu jazigo, para lhe darem a última hospedagem».

Apenas, aliás, se lançou a ideia de erigir em Aveiro um monumento à sua memória, Domingos Ferreira Pinto Basto logo promoveu uma reunião, em Ilhavo, no intuito de associar a população do vizinho concelho ao «grande, patriótico e generoso pensamento de se erigir um monumento ao primeiro vulto do País». A ideia não teve imediato seguimento, mas a Vista Alegre fez desde logo a modelação de um busto de José Estêvão e fabricou uma litofania com o seu retrato, hoje extremamente rara.

Também a fábrica da Vista Alegre, com seus directores e proprietários, os seus operários e a sua banda estiveram presentes quer na trasladação dos seus despojos, em Agosto de 1864, para o cemitério aveirense, quer no grandioso cortejo realizado quando da inauguração da estátua, vinte cinco anos depois, quer ainda no centenário do nascimento.

Embora dos mais salientes, este sentimento de afeição de uma ilustre família pelo eminente aveirense é apenas uma das demonstrações da simpatia e admiração que ele criara em todo o País. Seria, por exemplo, interessante averiguar quantas localidades deram o seu nome a alguma das suas ruas — e até no Algarve se encontraria —; quantas instituições o escolheram para patrono; quantos vultos mais, sem terem exercido funções governativas, mereceram que lhe levantassem duas estátuas; quantos, enfim, foram alvo, como José Estêvão, em vida, e depois de mortos, de tão dilatada e funda veneração.

E. C.

SECRETA[...]UDICIAL
Comar[...]eiro
AN[...]IO

Pelo 1.[...] de Direito da Comarc[...] Aveiro e 2.ª Secção [...]ssos, pendem uns a[...] execução de sentença[...] é exequente João[...]s Santos Vaz, casad[...]nário da Caixa Gera[...] Depósitos, Crédito e [...]ência, de Aveiro e exe[...] Fernando Carvalho, e[...] comercial e mulhe[...]rida Carvalho, emp[...]a Electrolux, na [...] Porto, residentes [...] José da Fonseca M[...]34-1.º-esquerdo, V[...] de Gaia, e, nos mes[...]s, correm éditos de [...]tando os credores d[...]cidos dos executados[...] prazo de 10 dias, fin[...] éditos e a contar da[...]ma publicação des[...]o, deduzirem, que[...] seus direitos.

Aveiro, [...] Abril de 1962

O Chefe [...]ecção,
Jo[...]
Verifique[...]
O Ju[...]ito,
Silvino Al[...]la Nova
Litoral ★ N.º [...]ro, 21-4-962

Ve[...]se
Fiat 50[...]0 km.
Ver e [...] Rua Capitão Joã[...] Pizarro n.º 22 — A[...]

PINHO[...]ELO
ESP[...]TA
RA[...]X
Serviço:
2.ªs, 4.ª[...] 9.30 às 13 horas [...]18 horas
3.ªs, 5.ª[...]das 11 às 13 hora[...] horas
Consultório:
Av. do Dr. Lour[...]-1.º Esq.
AV[...]O

Empreg[...]itório
Precisa-[...]bilitado, para conta[...]
Agradec[...] ponda quem satis[...]
Carta [...] com referências [...]ios pormenores [...]ão deste jornal, ao [...]

AVEIRO

ASSEMBLEIA MAGNA da CIDADE

Na penúltima quarta-feira, à noite, em reunião com os representantes dos jornais citadinos, a Direcção do Sport Clube Beira-Mar deu conta de que projecta promover, em data a designar dos começos de Maio próximo, uma assembleia magna das forças vivas da cidade — entidades oficiais e particulares, Comércio e Indústria — e do público aveirense, em especial dos sócios da popular colectividade.

Nela se apresentará a actual situação do Clube e se debaterão problemas de grande importância para o seu futuro, podendo desde já adiantar-se que é intuito da Direcção do Beira-Mar promover a sua valorização, por forma a que o Clube fique cada vez mais associado à cidade de Aveiro.

Sendo hoje — como efectivamente é — um dos maiores cartazes da nossa terra, o Sport Clube Beira-Mar necessita do amparo e da ajuda de toda a cidade. Por certo, será isto o que se irá solicitar aos aveirenses — no pleno convencimento de que todos saberão compreender o actual e decisivo momento do Beira-Mar.

Finalizando: recorde-se que se o popular Clube não pode, òbviamente, prescindir da cidade, também é igualmente certo que esta terá enormes vantagens (de toda a ordem) se puder — e quiser — contribuir para o fortalecimento e engrandecimento do Sport Clube Beira-Mar.

BEIRA-MAR

JURAMENTO DE BANDEIRA

★ De 1800 soldados de INFANTARIA 10

Como na semana finda já nestas colunas se noticiou, realizou-se, no penúltimo domingo, dia 8, na parada do Quartel de Sá — onde agora funciona um Centro Básico de Instrução do Regimento de Infantaria 10 — a cerimónia do juramento de Bandeira de 1 800 recrutas do primeiro dos três turnos da incorporação de 1962.

Os novos soldados, que iniciaram a respectiva instrução em Fevereiro passado, vão agora seguir para os centros especiais de todas as armas e serviços, em complemento da sua aprendizagem e adestramento.

Assistiram ao patriótico e comovente acto muitos milhares de pessoas, na grande maioria familiares dos mancebos, e, na tribuna de honra, viam-se as seguintes entidades: Coronel A'lvaro Andrade Salgado, Comandante Militar de Aveiro; Coronel Evangelista de Oliveira Barreto e Major Cruz Antunes, respectivamente 1.º e 2.º comandantes do R. I. 10; Capitão Alves Moreira e Tenente Salvador Rodrigues, comandantes da P. S. P. e da G. N. R.; Capitão Paula Santos, pela L. P.; Capitão Francisco Nunes, Presidente da Comissão Liquidatária do R. C. 5; Capitão Manuel Lourenço da Cunha, pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra; Coronel João Tavares, antigo Comandante Militar de Aveiro; Mons. Aníbal Ramos, Reitor do Seminário; e Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu.

As forças em parada, comandadas pelo sr. Major Artur Pereira Rodrigues, Director da Instrução, comportavam quatro companhias, comandadas pelos srs.: Capitão Rui Salgado Lameiras, Capitão António Carvalho, Tenente António Afonso Vigário e Tenente António da Silva Rodrigues.

A cerimónia iniciou-se com a apresentação da Bandeira Nacional — de que era portador o sr. Aspirante Duarte de Almeida, acompanhado de escolta.

Seguiu-se a leitura dos deveres militares, pelo sr. Sarg. - ajudante Flávio Alves Pereira. Depois, pronunciaram vibrantes e patrióticas alocuções o sr. Aspirante Fernando José de Oliveira Santos Serra e o Comandante do R. I. 10.

O sr. Major Cruz Antunes leu, então, a fórmula do juramento, que os soldados repetiram — com entusiasmo e convicção.

A encerrar a cerimónia, os 1 800 soldados cantaram o Hino Nacional e ainda as marchas «Por bem da minha terra sou soldado» e «Angola é nossa»; e, a seguir, garbosos, desfilaram, em continência, junto da Bandeira Nacional.

Momentos após, realizaram-se exercícios simulados de táctica militar, por parte do 5.º pelotão da 2.ª companhia, sob o comando do sr. Aspirante Crisóstomo Aguiar.

★ De 60 alunos-pilotos da BASE AÉREA 7

Na terça-feira, na Base Aérea 7, em S. Jacinto, juraram Bandeira 60 novos cadetes e alunos-pilotos do Curso P 2-61, durante uma cerimónia que se revestiu de grande solenidade, e a que presidiu o sr. General Fontes Rodrigues, Chefe do Estado Maior da Força Aérea, que expressamente se deslocou de Lisboa a S. Jacinto, em avião militar, acompanhado pelos srs. Brigadeiro Simão Portugal, Director dos Serviços de Recrutamento e Instrução da Força Aérea, Coronel Rosa Rodrigues, Comandante da Base Aérea de Tancos, e outros oficiais superiores da Força Aérea e do Exército.

Aquelas entidades foram aguardadas pelo Comandante da Base Aérea 7, sr. Coronel Vasconcelos e Sá, e outros oficiais desta unidade, e ainda pelos srs. Governador Civil, Comandante Militar e Capitão do Porto de Aveiro e outras individualidades.

O sr. General Fontes Rodrigues passou em revista a guarda de honra, composta por uma força comandada pelo sr. Capitão Asdrubal Matos; e, depois, na parada da Base Aérea, e ante formatura geral, o sr. Aspirante-piloto-aviador Jorge Lachaud proferiu uma vibrante alocução patriótica.

Seguiu-se uma missa campal, celebrada por Mons. Aníbal Ramos, Reitor do Seminário. No final do piedoso acto, teve lugar a cerimónia do juramento de Bandeira, cuja fórmula foi lida pelo sr. Tenente-piloto-aviador Hermínio Dias Fábio. Houve, ainda, um desfile das forças em parada.

Em seguida, descolaram das pistas dezasseis aviões «Chipmunk» tripulados por alunos-pilotos, sob comando do sr. Capitão Alves Pereira, para voos de grupo e de formação; e o aluno-piloto Lucas Teixeira executou um voo de perícia, durante o qual desenhou no céu várias figuras acrobáticas.

A encerrar a série de cerimónias, o sr. General Fontes Rodrigues entregou ao comandante da Base de S. Jacinto o troféu «Segurança de Voo - 1960» — atribuido à unidade da Força Aérea que, no decurso de cada ano, tiver registado maior número de horas de voo e menor percentagem de acidentes.

Ao lado — Um aspecto do desfile dos solodados do R. I. 10
Em baixo — Um aspecto da parada das forças do mesmo Regimento

DESPORTOS

CONTINUAÇÃO DA TERCEIRA PÁGINA

Hóquei em Patins

Galitos - Gil, José Augusto, Pratas Goes, Vieira 2 e Albertino 2.

Académica, 6 - Galitos, 2

Jogo entre as reservas dos estudantes e os juniores aveitenses.

Académica - Cunha, Maia 1, Paixão, Machado 3, Proença 2 e Couceiro.

Galitos - Barreto, Rocha 2, Leitão, Corte Real e Peres.

Em Aveiro

Galitos, 1 - Académica, 9

Jogo de seniores

Galitos - Sarrico, Almeida, Pratas Goes, Albertino 1, Vieira e Feliciano.

Académica - Octávio, Cunha 3, Pedro, Rocha 1, Beja 5 e Africano.

Galitos, 2 - Academica, 3

Jogo entre os juniores aveirenses e as reservas dos estudantes.

Galitos - Barreto (Matos), Amadeu 1, Rocha, Corte Real, Peres 1, e Christo.

Académica - Octávio, Maia 1, Paixão 1, Machado, Proença 1, e Carlos.

FUTEBOL

dos atletas e o inteligente golpe táctico do seu orientador — a quem, desta tribuna, endereçamos uma palavra de parabéns e outra de estimulo a novos cemetimentos.

Referências individuais: no Covilhã, Palmeiro Antunes, Patiño, Lãzinha e Couceiro foram os elementos mais em destaque. Rita deu um «frango» (primeiro golo) e foi batido sem remissão nos outros tentos...

No Beira-Mar, Azevedo, Diego e Chaves foram os jogadores mais brilhantes. Os restantes, contudo, cumpriram integralmente: pareceu-nos, no entanto, que Bastos — muito apertado, muito «tocado» e, por via disso, muito intranquilo — poderia, normalmente, evitar qualquer dos golos que sofreu.

Melhor do que no jogo com o Salgueiros, o árbitro A'lvaro Rodrigues foi imparcial e autoritário, apesar do excesso de severidade que presidiu à decisão de expulsar Evaristo (note-se que, em dualidade de critério, o *refree* só expulsou Adventino — e por falta mais grave — depois de anteriormente o ter advertido...)

Litoral Informa

SERVIÇOS DE SAÚDE

Hospital da Santa Casa = Telef. 22133
Casa de Saúde da Vera-Cruz = Telef. 22011
Auto-ambulância = Telef. 22122

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sábado
CENTRAL = Telef. 23870
Rua dos Mercadores, 12

Domingo
MODERNA = Telef. 23665
R. dos Comb. da G. Guerra, 108-110
HIGIENE = Telef. 22680
R. de Vicente de Almeida d'Eça
Esgueira

Segunda-feira
ALA = Telef. 23314
Praça do Dr. Joaquim Melo Freitas

Terça-feira
MORAIS CALADO = Telef. 23949
Rua de Coimbra, 13

Quarta-feira
AVEIRENSE = Telef. 23 865
Av. do Dr. Lourenço Peixinho

Quinta-feira
SAÚDE = Telef. 22569
Rua de S. Sebastião, 108

Sexta-feira
OUDINOT = Telef. 23644
Rua do Eng.º Oudinot, 328

Salineiro-Aveiro

Província de Moçambique-Portugal

Empresa Ultramar Português precisa empregado salineiro competente, activo, vendendo saúde, preferência solteiro, livre serviço militar até 30 anos, sabendo ler e escrever, dá-se preferência quem tenha alguns conhecimentos gerais *práticos* agricultura e gado, especialmente na criação de porcos,

Carta dando referências para Augusto Gayão, NAMANJE-PORTUGAL-QUISSANGA.

Pretende-se tomar de arrendamento, para escritórios, dependências na cidade de Aveiro que somem área útil superior a 1 000 metros quadrados, disposta em um ou mais pisos do mesmo imóvel ou imóveis vizinhos.

Resposta à Administração ao n.º 142

Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão Coelho de Magalhães

Uma nota da Comissão Municipal de Cultura

I — A Câmara Municipal de Aveiro tornou público em 7 do corrente que encarregara a Comissão Municipal de Cultura de preparar e programar as Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão.

II — Esta deliberação camarária foi sancionada por despacho do Ex.m Governador Civil do Distrito, datado de 10 do mês corrente e publicado nos jornais locais de 14 do mesmo mês.

III — A referida Comissão Municipal de Cultura teve a satisfação de receber a espontânea oferta de colaboração de entidades que solicitamente se propunham realizar comemorações cívicas de idêntica finalidade.

IV — Com a ideia de realmente levar a efeito um programa que honre e dignifique a memória do insigne tribuno aveirense, a Comissão Municipal de Cultura julga-se devidamente autorizada, para poder cumprir o que a honrosa e grata lembrança do homenageado lhe impõe.

V — Acontece porém que apareceu em alguns jornais de 13 do corrente a notícia de que a Comissão promotora das Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão deslocou-se a Lisboa, para convidar o Senhor Engenheiro Cunha Leal a proferir nesta cidade, no dia 16 de Maio... uma conferência sobre o grande Tribuno e a Revolução de 1828.

VI — Finalmente, e para que tudo seja colocado no lugar competente, esta Comissão Municipal de Cultura, encarregada e autorizada oficialmente das mencionadas Comemorações, esclarece que nada tem a ver com esta outra comissão que se intitula de «promotora das Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão».

Adiado para o dia 29 o encerramento da «Feira de Março»

A tradicional e típica «Feira de Março», que normalmente dura de 25 de Março a Abril, prolonga-se este ano até 29 do corrente mês.

Reunião de Antigos Alunos do Liceu de Aveiro

Os antigos alunos do Liceu Nacional de Aveiro que finalizaram os seus estudos na nossa cidade no ano lectivo de 1957/1958 têm vindo a realizar todos os anos uma simpática festa de confraternização, com o fim de fortalecer os laços de amizade entre todos os estudantes daquele curso.

Este ano, a reunião foi marcada para a próxima terça-feira, dia 24, em Aveiro.

Exposição de Pintura

Os jovens artistas António Borralho e Orlando José inauguraram no salão nobre do Teatro Aveirense, no pretérito sábado, uma exposição de trabalhos de pintura.

O certame estará patente ao público até à próvima quarta-feira, dia 25 de Abril corrente.

Augusto Sereno

no «58.º Salão da Primavera»

Muitos foram os trabalhos recusados pelo júri de admissão do «58.º Salão da Primavera» — mais de metade! —, o que significa um louvável escrúpulo tendente a valorizar o importante certame que, desde o dia 16, se patenteia nas Belas - Artes.

Entre as 123 obras expostas — óleos, gravuras, aguarelas, têmperas, desenhos, gessos, patinados, cerâmicas, ferros, bronzes, talhas, xilogravuras — encontra-se um trabalho de Augusto Sereno, que ainda não conhecemos, mas que a crítica classifica de «cuidada e feliz imagem dos estaleiros da Gafanha da Nazaré — excelente desenho, concepção moderna».

Sereno é um autodidacta, que há muitos anos trabalha em Aveiro.

A sua persistência merece incondicional louvor; o melhor foi-lhe dado agora, e insofismàvelmente, pelo júri selectivo do «Salão da Primavera».

Incitamo-lo a prosseguir — ardentemente desejando vir a assinalar nestas colunas novos triunfos estéticos do voluntarioso amador.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

* Em 11, com destino a Lisboa, saiu, em lastro, o navio tanque *Sacor*.

* Em 12, procedente de Setúbal, entrou o galeão a motor *Praia da Saúde*, com um carregamento do cimento.

* Em 13, saiu, para o Porto, o galeão a motor *Praia da Saúde*, vazio.

* Em 15, vindo de Lisboa, demandou a barra o navio-tanque *Sacor*, com gasolina pesada, que, no dia seguinte, 16, depois de descarregado, regresou a Lisboa.

Pesca da Sardinha

No pretérito dia 15, deu-se início à safra da pesca da sardinha e, felizmente, com magníficos resultados.

José Estêvão e os Ferreira Pinto Basto

Continuação da primeira página

guição que lhe moveram os «cabrais» — esse Padre António, que, conforme testemunha Bulhão Pato, tinha por José Estêvão o amor sem limites, e de noite, iludindo a vigilância da polícia, o acompanhava até fora de Lisboa, para o tribuno poder desabafar e falar — que, senão estouava: «Padre António não entendia, mas contemplava a figura do seu dilecto amigo, ouvia-lhe a voz apaixonada, sentia as palavras — liberdade, igualdade, fraternidade, humanidade — e desatava a chorar!» Todos têm na memória que quando, nesse período, a sua bela cabeça fora posta a prémio, e a moradia do Padre António teve de ser trocada por outros lugares que se não tornassem fácil alvo de suspeitas, lhe foi proporcionado refúgio numa casa do próprio rei. E todos conservam reminiscência do prior Assenço que lhe ganhou uma eleição famosa ou dos senhores Barbosas que nunca pronunciaram o nome do patrício egrégio que não fosse de pé, ou, ao menos, num esboço de levantar-se dos mochos onde passavam sentados os dias, na loja já vazia dos Balcões. Aliás, se ainda agora não é raro, há duas ou três dezenas de anos era frequentíssimo que nas residências dos aveirenses houvesse um retrato, uma estampa, num copo, numa caneca, do egrégio conterrâneo, os seus discursos, algum jornal que lhe houvesse sido dedicado, uma qualquer lembrança de qualquer natureza. Mais que admiração José Estêvão despertara o afecto. Esse era, sem dúvida, um dos seus condões e predicados.

Vem, talvez, a propósito recordar — e julgo que é o momento de rememorar, de recordar tudo o que respeite ao soldado, ao parlamentar, ao jornalista, ao professor, ao advogado, ao académico, ao homem que se bateu por um ideal, ao aveirense que amou profundamente a sua terra — as relações de José Estêvão com uma família que na região manteve uma relevante posição e importância e pela memória do ilustre aveirense conservou veneração constante e fiel. Refiro-me à família Ferreira Pinto Basto — do fundador da fábrica da Vista Alegre.

O estreitamento de relações de José Estêvão com José Ferreira Pinto Basto data de 1837, quando pela primeira vez, com vinte sete anos, o grande tribuno foi eleito deputado, e ambos tiveram assento na Câmara. Luís Cipriano recomendara o filho dilecto ao antigo colega da legislatura de 1835-36, com quem travara relações em Aveiro, na década anterior, na altura em que José Ferreira Pinto Basto, como diria o ardoroso parlamentar no «Elogio histórico» que sobre ele pronunciou no Conservatório Real de Lisboa, «votou todo o caudal do seu espírito, toda a cópia dos seus meios, às empresas industriais e exercitou nelas com entusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento público e os seus sentimentos de beneficência», e não só fundou a fábrica da Vista Alegre, mas pretendeu criar uma fábrica de soda, no Alboi, e levantou, no Cojo, a casa dos Moínhos, onde hoje se encontra instalada a Capitania do Porto.

À sua chegada a Lisboa foi hóspede do empreendedor industrial, cujas iniciativas se estendiam do Norte ao Sul do País e de quem «se dizia, claro com exagero, que viajando em Portugal, podia em cada noite ficar em casa sua». Dois anos de convivência, pois o fundador da fábrica da Vista Alegre faleceu em Setembro de 1839, estabeleceram uma mútua admiração e um recíproco afecto («As lágrimas de amizade molharão o ramo do cipreste que mandais depositar sobre a sua campa», dirá José Estêvão naquela oração).

Os mesmos sentimentos de amizade manteve José Estêvão pelos descendentes de José Ferreira Pinto Basto, que aliás fielmente lhos retribuiram e sempre lhe manifestaram a mais firme dedicação ou o maior carinho pela sua memória.

A única vez que José Estêvão advogou na sua terra natal foi na defesa de um filho do seu antigo companheiro na Câmara dos Deputados, Alberto Ferreira Pinto Basto, acusado de, com algumas pessoas de Ilhavo, haver praticado quaisquer irregularidades eleitorais. Não é agora o ensejo de assinalar o interesse que despertou a vinda do grande orador ao Tribunal aveirense, pois, aliás, ficou na recordação, «terem feito cauda que se estendeu pelo largo municipal fora, os que ali não couberam» e, «levando a audiência dois dias, ninguém ter arredado pé, enquanto José Estêvão não falou, e isto sucedeu só no fim da tarde do segundo dia». Marques Gomes, rematando o relato do julgamento, cujos ecos lhe chegaram dos próprios assistentes, que dele guardavam impressão inolvidável, escreveu, como se fosse impossível admitir quaisquer dúvidas sobre a sentença: «Escusado será dizer que Alberto Ferreira Pinto e os seus companheiros foram absolvidos por unanimidade».

A seu turno, os proprietários da fábrica da Vista Alegre, inalteràvelmente mantiveram a sua afeição por José Estêvão, e lhe prestaram decisiva colaboração e apoio, mencionadamente, nas eleições em que teve como antagonista Manuel Firmino e correu risco de perder o seu lugar na Câmara.

Foi, aliás, no jazigo da família Pinto Basto, no cemitério dos Prazeres de Lisboa, que os restos mortais de José Estêvão ficaram depositados, até a sua trasladação para Aveiro — durante cerca de dois anos, «ali dormiu o sono eterno da morte a voz mais eloquente que nos modernos tempos honrou esta terra», lia-se, então, no «Diário do Governo». O último jornal fundado pelo extraordinário orador, «O Distrito de Aveiro» notou, pela pena de Jacinto Augusto de Freitas Oliveira: «Coincidência notável! Quando José Estêvão chegou a Lisboa, foi hospedado em casa de José Ferreira Pinto Basto, e foram todos os membros daquela respeitável família que esperaram o cadáver de José Estêvão, junto da porta do seu jazigo, para lhe darem a última hospedagem».

Apenas, aliás, se lançou a ideia de erigir em Aveiro um monumento à sua memória, Domingos Ferreira Pinto Basto logo promoveu uma reunião, em Ilhavo, no intuito de associar a população do vizinho concelho ao «grande, patriótico e generoso pensamento de se erigir um monumento ao primeiro vulto do País». A ideia não teve imediato seguimento, mas a Vista Alegre fez desde logo a modelação de um busto de José Estêvão e fabricou uma litofania com o seu retrato, hoje extremamente rara.

Também a fábrica da Vista Alegre, com seus directores e proprietários, os seus operários e a sua banda estiveram presentes quer na trasladação dos seus despojos, em Agosto de 1864, para o cemitério aveirense, quer no grandioso cortejo realizado quando da inauguração da estátua, vinte cinco anos depois, quer ainda no centenário do nascimento.

Embora dos mais salientes, este sentimento de afeição de uma ilustre família pelo eminente aveirense é apenas uma das demonstrações da simpatia e admiração que ele criara em todo o País. Seria, por exemplo, interessante averiguar quantas localidades deram o seu nome a alguma das suas ruas — e até no Algarve se encontraria —; quantas instituições o escolheram para patrono; quantos vultos mais, sem terem exercido funções governativas, mereceram que lhe levantassem duas estátuas; quantos, enfim, foram alvo, como José Estêvão, em vida, e depois de mortos, de tão dilatada e funda veneração.

E. C.

AVEIRO

ASSEMBLEIA MAGNA da CIDADE

Na penúltima quarta-feira, à noite, em reunião com os representantes dos jornais citadinos, a Direcção do Sport Clube Beira-Mar deu conta de que projecta promover, em data a designar dos começos de Maio próximo, uma assembleia magna das forças vivas da cidade — entidades oficiais e particulares, Comércio e Indústria — e do público aveirense, em especial dos sócios da popular colectividade.

Nela se apresentará a actual situação do Clube e se debaterão problemas de grande importância para o seu futuro, podendo desde já adiantar-se que é intuito da Direcção do Beira-Mar promover a sua valorização, por forma a que o Clube fique cada vez mais associado à cidade de Aveiro.

Sendo hoje — como efectivamente é — um dos maiores cartazes da nossa terra, o Sport Clube Beira-Mar necessita do amparo e da ajuda de toda a cidade. Por certo, será isto o que se irá solicitar aos aveirenses — no pleno convencimento de que todos saberão compreender o actual e decisivo momento do Beira-Mar.

Finalizando: recorde-se que se o popular Clube não pode, òbviamente, prescindir da cidade, também é igualmente certo que esta terá enormes vantagens (de toda a ordem) se puder — e quiser — contribuir para o fortalecimento e engrandecimento do Sport Clube Beira-Mar.

BEIRA-MAR

JURAMENTO DE BANDEIRA

★ De 1800 soldados de INFANTARIA 10

Como na semana finda já nestas colunas se noticiou, realizou-se, no penúltimo domingo, dia 8, na parada do Quartel de Sá — onde agora funciona um Centro Básico de Instrução do Regimento de Infantaria 10 — a cerimónia do juramento de Bandeira de 1 800 recrutas do primeiro dos três turnos da incorporação de 1962.

Os novos soldados, que iniciaram a respectiva instrução em Fevereiro passado, vão agora seguir para os centros especiais de todas as armas e serviços, em complemento da sua aprendizagem e adestramento.

Assistiram ao patriótico e comovente acto muitos milhares de pessoas, na grande maioria familiares dos mancebos, e, na tribuna de honra, viam-se as seguintes entidades: Coronel A'lvaro Andrade Salgado, Comandante Militar de Aveiro; Coronel Evangelista de Oliveira Barreto e Major Cruz Antunes, respectivamente 1.º e 2.º comandantes do R. I. 10; Capitão Alves Moreira e Tenente Salvador Rodrigues, comandantes da P. S. P. e da G. N. R.; Capitão Paula Santos, pela L. P.; Capitão Francisco Nunes, Presidente da Comissão Liquidatária do R. C. 5; Capitão Manuel Lourenço da Cunha, pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra; Coronel João Tavares, antigo Comandante Militar de Aveiro; Mons. Aníbal Ramos, Reitor do Seminário; e Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu.

As forças em parada, comandadas pelo sr. Major Artur Pereira Rodrigues, Director da Instrução, comportavam quatro companhias, comandadas pelos srs.: Capitão Rui Salgado Lameiras, Capitão António Carvalho, Tenente António Afonso Vigário e Tenente António da Silva Rodrigues.

A cerimónia iniciou-se com a apresentação da Bandeira Nacional — de que era portador o sr. Aspirante Duarte de Almeida, acompanhado de escolta.

Seguiu-se a leitura dos deveres militares, pelo sr. Sarg.-ajudante Flávio Alves Pereira. Depois, pronunciaram vibrantes e patrióticas alocuções o sr. Aspirante Fernando José de Oliveira Santos Serra e o Comandante do R. I. 10.

O sr. Major Cruz Antunes leu, então, a fórmula do juramento, que os soldados repetiram — com entusiasmo e convicção.

A encerrar a cerimónia, os 1 800 soldados cantaram o Hino Nacional e ainda as marchas «Por bem da minha terra sou soldado» e «Angola é nossa»; e, a seguir, garbosos, desfilaram, em continência, junto da Bandeira Nacional.

Momentos após, realizaram-se exercícios simulados de táctica militar, por parte do 5.º pelotão da 2.ª companhia, sob o comando do sr. Aspirante Crisóstomo Aguiar.

★ De 60 alunos-pilotos da BASE AÉREA 7

Na terça-feira, na Base Aérea 7, em S. Jacinto, juraram Bandeira 60 novos cadetes e alunos-pilotos do Curso P 2-61, durante uma cerimónia que se revestiu de grande solenidade, e a que presidiu o sr. General Fontes Rodrigues, Chefe do Estado Maior da Força Aérea, que expressamente se deslocou de Lisboa a S. Jacinto, em avião militar, acompanhado pelos srs. Brigadeiro Simão Portugal, Director dos Serviços de Recrutamento e Instrução da Força Aérea, Coronel Rosa Rodrigues, Comandante da Base Aérea de Tancos, e outros oficiais superiores da Força Aérea e do Exército.

Aquelas entidades foram aguardadas pelo Comandante da Base Aérea 7, sr. Coronel Vasconcelos e Sá, e outros oficiais desta unidade, e ainda pelos srs. Governador Civil, Comandante Militar e Capitão do Porto de Aveiro e outras individualidades.

O sr. General Fontes Rodrigues passou em revista a guarda de honra, composta por uma força comandada pelo sr. Capitão Asdrubal Matos; e, depois, na parada da Base Aérea, e ante formatura geral, o sr. Aspirante-piloto-aviador Jorge Lachaud proferiu uma vibrante alocução patriótica.

Seguiu-se uma missa campal, celebrada por Mons. Aníbal Ramos, Reitor do Seminário. No final do piedoso acto, teve lugar a cerimónia do juramento de Bandeira, cuja fórmula foi lida pelo sr. Tenente-piloto-aviador Hermínio Dias Fábio. Houve, ainda, um desfile das forças em parada.

Em seguida, descolaram das pistas dezasseis aviões «Chipmunk» tripulados por alunos-pilotos, sob comando do sr. Capitão Alves Pereira, para voos de grupo e de formação; e o aluno-piloto Lucas Teixeira executou um voo de perícia, durante o qual desenhou no céu várias figuras acrobáticas.

A encerrar a série de cerimónias, o sr. General Fontes Rodrigues entregou ao comandante da Base de S. Jacinto o troféu «Segurança de Voo - 1960» — atribuído à unidade da Força Aérea que, no decurso de cada ano, tiver registado maior número de horas de voo e menor percentagem de acidentes.

Ao lado — *Um aspecto do desfile dos solodados do R. I. 10*

Em baixo — *Um aspecto da parada das forças do mesmo Regimento*

DESPORTOS

CONTINUAÇÃO DA TERCEIRA PÁGINA

Hóquei em Patins

Galitos - Gil, José Augusto, Pratas Goes, Vieira 2 e Albertino 2.

Académica, 6 - Galitos, 2

Jogo entre as reservas dos estudantes e os juniores aveitenses.

Académica - Cunha, Maia 1, Paixão, Machado 3, Proença 2 e Couceiro.

Galitos - Barreto, Rocha 2, Leitão, Corte Real e Peres.

Em Aveiro

Galitos, 1 - Académica, 9

Jogo de seniores

Galitos - Sarrico, Almeida, Pratas Goes, Albertino 1, Vieira e Feliciano.

Académica - Octávio, Cunha 3, Pedro, Rocha 1, Beja 5 e Africano.

Galitos, 2 - Academica, 3

Jogo entre os juniores aveirenses e as reservas dos estudantes.

Galitos - Barreto (Matos), Amadeu 1, Rocha, Corte Real, Peres 1, e Christo.

Académica - Octávio, Maia 1, Paixão 1, Machado, Proença 1, e Carlos.

FUTEBOL

dos atletas e o inteligente golpe táctico do seu orientador — a quem, desta tribuna, endereçamos uma palavra de parabéns e outra de estimulo a novos cemetimentos.

Referências individuais: no Covilhã, Palmeiro Antunes, Patiño, Lãzinha e Couceiro foram os elementos mais em destaque. Rita deu um «frango» (primeiro golo) e foi batido sem remissão nos outros tentos...

No Beira-Mar, Azevedo, Diego e Chaves foram os jogadores mais brilhantes. Os restantes, contudo, cumpriram integralmente: pareceu-nos, no entanto, que Bastos — muito apertado, muito «tocado» e, por via disso, muito intranquilo — poderia, normalmente, evitar qualquer dos golos que sofreu.

Melhor do que no jogo com o Salgueiros, o árbitro A'lvaro Rodrigues foi imparcial e autoritário, apesar do excesso de severidade que presidiu à decisão de expulsar Evaristo (note-se que, em dualidade de critério, o *refree* só expulsou Adventino — e por falta mais grave — depois de anteriormente o ter advertido...)

Litoral Informa

SERVIÇOS DE SAÚDE

Hospital da Santa Casa = Telef. 22133
Casa de Saúde da Vera-Cruz = Telef. 22011
Auto-ambulância = Telef. 22122

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sábado
CENTRAL = Telef. 23870
Rua dos Mercadores, 12

Domingo
MODERNA = Telef. 23665
R. dos Comb. da G. Guerra, 108-110
HIGIENE = Telef. 22680
R. de Vicente de Almeida d'Eça
Esgueira

Segunda-feira
ALA = Telef. 23314
Praça do Dr. Joaquim Melo Freitas

Terça-feira
MORAIS CALADO = Telef. 23949
Rua de Coimbra, 13

Quarta-feira
AVEIRENSE = Telef. 23 865
Av. do Dr. Lourenço Peixinho

Quinta-feira
SAÚDE = Telef. 22569
Rua de S. Sebastião, 108

Sexta-feira
OUDINOT = Telef. 23644
Rua do Eng.º Oudinot, 328

Carpinteiros

Admitem-se carpinteiros de tôsco para obra em CACIA na Companhia Portuguesa de Celulose.

Compro barco novo ou usado para motor fora de bordo de 15 H. P.. Interessa apenas barco e se possível, enviar preço e foto. Resposta a F. C. — Apartado n.º 111 — COIMBRA.

APONTADOR — *Precisa-se, de preferência com prática de assuntos de pesca (sardinha) e com idade superior a 24 anos.*

Resposta a este Jornal ao n.º 110.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Aviso

Encontra-se aberto concurso de provas práticas, pelo prazo de 15 dias a contar da data da publicação do presente aviso, para o preenchimento duma vaga existente de lubrificador e das que ocorrerem no período de dois anos, a que corresponde o salário diário de 40$00.

Podem concorrer os indivíduos do sexo masculino com idade não inferior a 18 anos nem superior a 35 (exceptuados, quanto a este limite, os que já forem serventuários públicos ou administrativos), com a habilitação mínima da 4.ª classe da instrução primária e os demais requisitos indicados no regulamento respectivo.

Os requerimentos devem ser dirigidos ao Presidente do Conselho de Administração, com as indicações que do mesmo «Regulamento» constam, e entregues na secretaria acompanhados de documento comprovativo das habilitações e dum impresso mod. D/4.

Aveiro, 18 de Abril de 1962

O Presidente do Conselho de Administração,

a) José Ferreira Pinto Basto

Serviços Municipalizados de Aveiro

Encontra-se aberto concurso, pelo prazo de 30 dias a contar da publicação do presente aviso no DIÁRIO DO GOVERNO, para admissão, mediante provas documentais e práticas, dum desenhador de terceira classe, lugar criado por deliberação do Conselho de Administração destes Serviços, com aprovação de Sua Excelência o Ministro do Interior por seu despacho de 21 de Setembro de 1961.

A este lugar corresponde o vencimento mensal ilíquido de 1 750$00, podendo concorrer os indivíduos do sexo masculino habilitados com o 2.º ciclo dos liceus, ou com o curso de montador electricista ou de serralheiro das Escolas Industriais, que se encontrem nas demais condições referidas no art.º 460.º do Código Administrativo.

Aveiro, 13 de Abril de 1962

O Presidente do Conselho de Administração,

a) José Ferreira Pinto Basto

Labor Agrícola, Limitada

Certifico, narrativamente, para efeitos de publicação, que de folhas cinquenta e sete a folhas cinquenta e oito do livro C-setecentos e quatro de notas do Décimo Quarto Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Dr. José de Abreu, e sito na Rua da Vitória, número noventa e quatro, primeiro, se acha exarada, com data de dez de Abril corrente, uma escritura, pela qual, Dr. António Manuel da Costa e Quinta, Francisco José Lourenço e a firma F. Alves Moimenta, Limitada, como sócios e únicos gerentes da sociedade comercial por quotas, sob a denominação de «Labor Agrícola, Limitada», transferiram a sede e domicílio da referida sociedade, que era em Aveiro, para Ilhavo — Quinta da Boa Vista — Gafanha de Áquem, ficando, em consequência, o artigo primeiro do seu pacto social a ter a seguinte redacção:

Primeiro: A sociedade continua a adoptar a denominação de «Labor Agrícola, Limitada», tem a sua sede e domicílio em Ilhavo — Quinta da Boa Vista — Gafanha de Áquém podendo ser transferida para qualquer outro local por simples deliberação da gerência.

Está conforme. Lisboa, onze de Abril de mil novecentos e sessenta e dois.

O 2.º Ajudante do Cartório,

João Varão Botelho

Serviços Municipalizados de Aveiro

AVISO

Resultado do concurso para admissão de dois escriturários de 2.ª classe, aberto por anúncio publicado no *Diário do Governo* n.º 263, 3.ª série, de 10 de Novembro de 1961:

José Alberto de Matos Paulino	14,8
Carlos Madeira Pereira . . .	14,4
José da Silva Gomes . . .	14,3
João da Paula Ferreira Lebre .	12,5
Aníbal José da Cruz Pereira Gateira	12,1

Faltaram às provas dois concorrentes.

O Conselho de Administração, em sua reunião de 29 de Março último, deliberou contratar para os referidos lugares os candidatos José Alberto de Matos Paulino e Carlos Manuel Pereira.

Aveiro, 17 de Abril de 1962

O Presidente do Conselho de Administração,

a) José Ferreira Pinto Basto

MORADIA
VENDE-SE

Vende-se, em Ilhavo, a Casa de S.to António, no centro da vila.

Falar com Henrique Vieira, na Rua do Tenente Resende, 58-1.º, em Aveiro.

Empregado

Para Farmácia, com alguprática, precisa-se.

Resposta a esta Redacção.

Crónicas do Porto

Continuação da última página

eterno descanço entre os resplendores da Luz perpétua.—Amem, rematou Cosme. E regressaram a sua casa.

Espertalhão, o caixeiro viajante não perdia tempo... Aproveitando-se da paixoneta de Camila, levou-a a enviar ao Juiz de Direito duma das Varas do Porto um requerimento, cujo teor era o seguinte: — «*Diz Camila Augusta da Rocha, filha de D. Henriqueta Emília da Rocha e de José da Rocha, da cidade de Aveiro, de idade de vinte anos, que tem tratado casar-se com Luís de Freitas, natural de Lisboa, que é pessoa convinhável; porém, tendo por certo que o pai e a mãe da suplicante não quererão convir n'este casamento, teme ser por eles maltratada, se persistir n'este propósito. Pretende, pois, que V. Ex.ª mande depositar a suplicante em uma casa de gente honrada, e sem suspeita, onde esteja ao abrigo de violências.*»

Deste requerimento, resultou o seguinte: Numa terça-feira, considerada pela família Rocha dia aziago, como todas as outras, era meio dia e D. Sabina mostrava à irmã e à sobrinha a sua roupa branca, belas saias de entremeios, chambres de lindas rendas e magníficos bordados, de que, infelizmente, poucas vezes podia fazer uso, devido ao reumatismo articular, que a não deixava vestir, como era o seu gosto... O cunhado havia saído, acompanhado pelo sobrinho, para ir ver a igreja do Bonfim e este sítio da cidade. Era dia de Feira e Cosme acompanhava-o com prejuízo para seus negócios, por faltar no estabelecimento e não atrair ali as lavradeiras, dizendo-lhe: — *Então que vai hoje, meu amorzinho? Olhe, menina, lenços muito bonitos.* Prejudicando-o, os caixeiros desleixados não procediam assim, dizia ele. Quando D. Sabina apresentava uma das lindas peças da sua roupa branca, aparecia um de eles e dizia-lhe que estava na loja a justiça, para subir... As duas irmãs ficaram sobressaltadas, atrapalhadíssimas e Camila foi para a janela...

O que seria? O que não seria? Alguma desgraça!... O que estaria para acontecer?!... Não podia D. Sabina impedir a entrada da justiça. Entrou o Juiz de Direito, acompanhando-o um escrivão e o oficial de diligências.

Com as pernas tremendo, ela gaguejava, aflita... Serenou-a o magistrado, dizendo-lhe nada haver de grave e que ia ali para dar cumprimento ao que lhe fôra requerido pela menina Camila.

—*O quê?*— perguntou D. Henriqueta, dando um salto, assombrada. Leu-lhe o Juiz a petição. D. Henriqueta, de boca aberta, estava a ouvi-lo e, no final, chorou, gritou e caiu, desmaiada, numa cadeira. O juiz pediu água para a borrifar. Acudiu-lhe a filha e a irmã estava aparvalhada, sem saber como devia agir... O magistrado informou que, do despacho da sua sentença, tinham os pais o direito de apelação, para a Relação e citou: *Novíssima Reforma, art.º 340.*

Acompanhado de Camila, saiu sem dar mais explicações e deixando as duas irmãs abraçadas, banhadas em lágrimas.

—*Nunca eu tivesse vindo ao Porto! Ai! O que fará o meu José! Que ingrata!* — dizia D. Henriqueta.

—*E o meu Cosme gostava tanto dela! O casamento já tratado!— Parecia tão boa menina. Nunca vocês cá tivessem vindo! Se o meu Cosme entra agora em se apaixonar! Ai que desgraça!* — exclamava D. Sabina.

Pouco depois. Cosme com o tio, entrava na loja. Encontrou os dois caixeiros, amuados, a um canto do balcão.

— *Aqui está o que eles fazem!* — disse para José da Rocha. *Em eu faltando, estes senhores parecem que estão a cair de sono e de preguiça. Vá, pegar já nesses espanadores e fazer alguma coisa... Se não levam com um metro...*

Subiram ambos até ao primeiro andar. Ali, olhando o chão, soluçantes, as duas irmãs estavam sentadas, a um canto da sala.

— *Que é isto?*— perguntou Cosme, assustado. O tio estava atónito, gaguejando, com reticências em curtas frases...

De súbito, a mulher levantou-se, clamorosa: — *Ai! Mata-me, meu José, mata-me, mas eu não tive culpa... A nossa filha foi-nos tirada por justiça pelo meliante do lisboeta, que tu meteste em casa...*

Quis José da Rocha falar. Não pôde... Seguiram comentários raivosos, de protesto contra o procedimento ingrato de Camila. E D. Sabina lembrava o recurso para a Relação. Seria a única vingança...

— *Qual recurso, nem meio recurso* — dizia o cunhado. — *Quer ser desgraçada, que o seja! Já não é minha filha! Agora o que há a fazer é fugir, com a nossa vergonha.* E dava ordens à mulher, para arranjar o baú. Queria regressar imediatamente a Aveiro. D. Sabina manifestava a opinião de saírem de madrugada, evitando-se assim os comentários da vizinhança. O cunhado concordou.

Pelas 3 horas dessa tarde, o Comendador Cidade procurou-o. Quis negar-se a recebê-lo, mas o sobrinho não estava de acordo. Tratava-se duma pessoa de grande prestígio, muito estimada na cidade. A sua porta não se lhe devia fechar... Esta visita honrava aquela casa. O ilustre visitante ia convidar José Rocha para irmão da Misericórdia do Porto e para terceiro de S. Francisco. A resposta foi simples:— *Que fizesse S. Exc.ª o que entendesse.*

Pouco depois, outra visita — a do mesário da Trindade, para que se inscrevesse irmão e protector daquela celestial Ordem. Arreliado, José da Rocha bufava. Os seus poucos haveres não davam para tantas ordens.

Uma hora depois, um respeitável comerciante da praça do Porto procurava Cosme para o apresentar ao Sr. José da Rocha, abastado proprietário e capitalista de Aveiro, dizia com palavras amáveis e um sorriso confiante... Com frieza, Cosme fez a apresentação. Ia convidá-lo para accionista dum novo Banco, mas o pedido não foi atendido, informando o negociante aveirense que a sua fortuna era pequena e não dava para isso... E José da Rocha retirou-se barafustando que davam com ele em doido; que lhe levaram a filha e queriam também levar-lhe o dinheiro; que não sabia *a quantas andava;* que aquilo era um inferno e que queria ir para o seu Aveiro, o seu burgo pacato, de gente boa, que o deixava trabalhar e viver em paz — o seu Aveiro querido, cidade pequenina *dos ovos moles e do mexilhão...* O seu Aveiro e dos seus amigos! Para ele, o Porto era um inferno!

A família serenou-o um pouco. A' noitinha, dois fundadores do Palácio de Cristal procuram Cosme para os apresentar a seu tio, o grande capitalista de Aveiro, sr. José da Rocha, a quem desejavam convidar para accionista daquela importante empresa. O sobrinho não teve coragem para atender o pedido. Recusou-se, dizendo-lhes que não era oportuno o momento, devido a um grande desgosto sofrido por seu tio.

Ao amanhecer do dia seguinte e depois de ter abraçado o sobrinho, embarcava José da Rocha, com a mulher, na Estação das Devezas e, com a cabeça fora da janela da carruagem, olhava para os lados do Porto e gritava, gesticulando: — *Figas! Figas e figas!*

—*Cala-te, homem!* — dizia D. Henriqueta.

O combóio partiu.

Por informações recebidas de Aveiro, o lisboeta, sedutor de Camila teve conhecimento de ser pequena a fortuna de seu pai e apressou-se a escrever à menina, declarando que circunstâncias superiores à sua vontade o obrigavam a faltar à palavra dada e a não realizar com ela o casamento. Com isso, obrigou-a a requerer ao poder judicial a desistência do depósito e a pedir ao primo o favor de acompanhá-la até Aveiro, onde desejava ficar em companhia dos pais. Cosme atendeu o pedido.

Quando a filha de José da Rocha apareceu em sua casa, o momento foi tempestuoso. Muitas lágrimas. Depois do perdão, a reconciliação. O próprio Cosme se enterneceu de tal modo que aceitou, de novo, a mão da prima, combinando-se então o casamento.

A fechar o livro «*O Porto por Fora e por Dentro*» e aludindo a Camila, escreveu Alberto Pimentel: — «*Outro dia, quando fui ao Porto, vi-a sair da missa do meio dia dos Clérigos, muito gorda, com muito boas cores, muito burguesa, ao lado de Cosme, com quatro filhos diante de si: vendo-a eu disse de mim para comigo: «Aqui está a idealizadora dum marido de Lisboa, elegante, almiscarado, chic. Como este Porto a transformou! Não há poesia que resista a treze anos de Porto. Aqui o espírito faz-se prosa, alarga-se no chafurdeiro do viver burguês e obriga o corpo a avolumar-se para o conter*».

Assim termina um episódio da vida do aveirense José da Rocha. Julgo que, em menino, conheci algumas pessoas de sua honrada família e que ainda existem restos desta progénie.

Nada haverá, a este respeito, na «*Arca de Antiguidades*» do Dr. Humberto Leitão?

Manuel Lavrador

Crónicas Alegres

Continuação da última página

sear as crianças nos Campos Elísios não beneficiarem de repouso semanal, nem das competentes férias anuais.

Associamo-nos entusiàsticamente ao protesto da generosa parisiense. No entanto, ousamos lembrar que nem todos os burros trabalham de sol a sol, havendo mesmo alguns que outra coisa não fazem além de se divertir — e com albarda de luxo. Faculte-se o descanso legal, portanto, aos jericos que labutam honradamente; mas, ao mesmo tempo, obrigue-se o trabalhar os que nada fazem...

Zózimo Pedrosa

Jorge Mendes Leal

Crónicas da Sempre Leal e Invicta Cidade

MANUEL LAVRADOR

O PORTO E AVEIRO DE OUTROS TEMPOS

COM esta crónica, rematamos a narrativa da odisseia da viagem de José da Rocha, num dos primeiros combóios, que circularam em Portugal e que ele considerou arriscada.

Seguidamente ao que já relatámos, aproveitou também algum tempo, no Porto, para visitar e apreciar o Hospital de Santo António e algumas igrejas. Naquele estabelecimento hospitalar, que considerou grandioso, foi recebido pelo mordomo do mês — o Comendador Cidade. Deu-lhe este algumas explicações, que muito lhe agradaram e o lisonjearam. À saída, o mordomo aproveitou um relance para perguntar a Cosme: — *É rico? — É rico?*

O sobrinho não teve tempo de responder e limitou-se a um abano de cabeça, afirmativo.

Ofereceu-se imediatamente o mordomo para acompanhá-lo numa visita à Ordem Terceira de S. Francisco e ao Recolhimento dos Lázaros. Foram: e, depois, José da Rocha, com tantas considerações, regressou satisfeitíssimo a casa da cunhada.

No mesmo dia, contou o Comendador Cidade aos amigos algo destas visitas do grande capitalista aveirense, hóspede de Cosme Pinhais, da Calçada dos Clérigos. E a notícia espalhou-se pela cidade. Entretanto, o caxeiro viajante, lisboeta, aproveitou a ocasião de não estar Cosme na loja para colher informações de José da Rocha. Foram-lhe dadas ingénuamente pelos caixeiros, que lhe disseram: — *E' muito rico.* Um deles, o mais estúpido, chegou a dizer que o ricaço aveirense trazia navios no mar... E a verdade era que a sua fortuna não excedia, talvez, uns dez contos de reis. Entusiasmado com a informação e entendendo que não havia tempo a perder o lisboeta escreveu e deixou cair no regaço de Camila uma carta, declaração do seu ardente amor. Recebeu-a ela com a maior alegria e não tardou a responder, dizendo-lhe que também o amava e que agradecia à Providência a hora de tê-lo encontrado, porque esperava que a livrasse de casar com o primo Cosme, como eram os desejos de seus pais.

Continuando as visitas, acompanhado do sobrinho, José da Rocha foi à Ordem da Trindade e viu a sala dos grandes retratos. Na secretaria, um mesário, conhecido do parente, fez-lhe algumas perguntas e, depois de saber que o visitante era negociante, em Aveiro, ficou também convencido de ele ser rico. Depois, José da Rocha quis ver o Cemitério do Prado do Repouso, do qual muito lhe falaram. Ficou ali admirado com tantos mausoléus e com a vastidão das ruas. Pensou, então, na morte, igual para todos, no Porto como em Aveiro e em todo o Mundo. E, lacrimejando disse ao sobrinho: — *Ó Cosme, quando a gente vem a estes lugares é que se lembra que há-de morrer e deixar os filhos... Eu, felizmente, só tenho a Camila, que alguma coisa lhe deixo de seu... Tu és um bom rapaz e vais bem com o teu negócio. Queres casar com ela?*

— *O tio!* — exclamou o jovem lojista dos Clérigos.

— *Anda responde* — insistiu José da Rocha — *Cartas na mesa e jogo franco. Gostas da cachopa?.*

— *Eu...gosto, meu tio.*

— *Pois então está o casamento tratado. Vamos para casa falar nisso.* E, já na porta do cemitério, voltou-se para trás e, curvando-se, disse muito respeitosamente estas palavras: *Dai-lhes, Senhor,*

Continua na página 7

Com o título que encima esta notícia, foi recentemente publicada, em separata das Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, uma comunicação do rev.º Dr. P.^e Domingos Maurício Gomes dos Santos, S. J., que constitui um estudo modelar sobre os documentos autenticados pela mão da bem-aventurada filha de D. Afonso V e o seu significado psicológico e histórico.

DOCUMENTOS AUTÓGRAFOS, APÓGRAFOS E APÓCRIFOS DA PRINCESA SANTA JOANA

Transcrevem-se e anotam-se no elegante opúsculo, eruditamente, os sete documentos firmados pela excelsa Princesa-Infanta de que existem notícias indubitáveis, e uma carta que lhe foi atribuida e se demonstra ser manifestamente apócrifa. Rocha Madahil incluiu inadvertidamente esta carta fraudulenta na Colectânea de Documentos Históricos, *publicada por ocasião do Milenário de Aveiro, e omitiu três documentos apógrafos — de 7 de Setembro de 1471, 28 de Abril de 1483 e 14 de Janeiro de 1485 — todos muito importantes e curiosos, que o nosso colaborador António Christo referiu nas* Efemérides Aveirenses *e o sr. Dr. P.^e Domingos Maurício reproduz e comenta.*

Registamos com prazer a publicação, em separata, deste magnífico trabalho e para ele chamamos a atenção dos nossos leitores.

CRÓNICAS ALEGRES

SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

Zózimo LÊ O JORNAL

★ *Segundo as observações de alguns cientistas, o beijo provoca uma autêntica tempestade no corpo. As pulsações aumentam, o sangue circula a maior velocidade, a tensão sobe um ou dois graus e a temperatura, como é lógico, também ultrapassa o habitual. Simultâneamente, a emoção contrai as supra-renais, libertando adrenalina, e o sangue enriquece-se com mais uns milhões de glóbulos vermelhos. «Logo, o beijo é ideal contra a anemia» — conclui o relatório do professor Peter Solly.*

Não se prive o leitor, portanto, de beijar abundantemente a mulher que ama e, até, as mulheres que não ama. Afinal, o beijo — que durante muito tempo pertenceu apenas ao reportório do amor — acabará por ser tristemente vendido nas boticas, como o pó de sulfamida e o bicarbonato.

★ *Jean Cocteau está a compor uma canção de novíssimas características, capaz de destronar as sublimes obras-primas que costumamos ouvir nos serões para trabalhadores. Trata-se duma requintada compilação das frases escritas pelos namorados nos muros de Paris.*

Entre nós, também há quem escreva nas paredes — e utilizando uma linguagem que, as mais das vezes, prima pela vernaculidade e pelo brilho. Atrevemo-nos a sugerir que se proceda imediatamente à recolha dessas desprezadas maravilhas e se componha, com elas, uma série de palestras para a T. V.. Assim se concederia merecido descanso aos afamados oradores da nossa Televisão, geniais criaturas que, a bem do País, convem poupar o mais possível.

★ *O twist e o rock foram condenados na U. R. S. S., através duma opinião expendida pelo escritor Lev Kassil e prontamente adoptada nas esferas oficiais.*

E' um facto que a Rússia vai à frente do Mundo no fabrico de foguetões e nos vários aspectos da exploração cósmica. Mas, como já disse um ilustre professor, é muito natural que estejamos perante um imenso «bluff», possibilitado pela cândida ingenuidade das potências ocidentais. De quando em quando, lá se levanta uma ponta do véu, e a gente fica a saber que, na realidade, os russos ainda têm bastante que andar até se civilizarem. Note-se que em Portugal — nação pèrtidamente acoimada de subdesenvolvida — o twist e o rock se divulgaram normalmente, na linha dum progresso cívico e duma evolução cultural que muito nos apraz registar.

★ *Um parecer da Biblioteca Nacional Francesa indica os cinco inimigos figadais do livro: a poeira, a humidade, os insectos, as manchas e as manipulações bárbaras. É com as lágrimas nos olhos e o coração amargurado que lemos esta desoladora notícia, pois sempre julgámos que na inteligente França, pátria das Letras e farol das Artes, o livro não poderia ter um único inimigo, mesmo encoberto sob certas formas físicas tão inevitáveis como a humidade ou o pó.*

Demos graças a Deus por, entre nós, as coisas correrem de maneira diferente. Aqui, o livro — acessível, variado, libérrimo, protegidíssimo — só tem amigos.

★ *O nosso prezado colega «Diário Popular» borda curiosas considerações sobre a dificuldade que existe em pôr um nome a uma revista teatral — empreendimento que, à primeira vista, figuramos ao alcance de qualquer autor. Segundo aquele conceituado vespertino lisboeta, a revista «Sol e Dó», presentemente em cena num palco da capital, ficara sucessivamente de se chamar «Ora, bolas!», «Está na Hora», «É viva o velho!», «Vamos a isto!»; mas, devido à preclara intervenção de quem de direito, houve sempre necessidade de alterar os ditos rótulos, até que se lograsse um perfeitamente inócuo.*

Achamos bem. Porque uma pessoa dada às cavalarias, por exemplo, podia emocionar-se excessivamente com aqueles títulos de «Está na hora!» ou «Vamos a isto!» — tomando-os por um toque de marciais trombetas no lançamento duma nova Carga da Brigada Ligeira...

★ *Um importante jornal de Paris recebeu uma carta em que determinada leitora, sensível e terna, se insurge contra a circunstância de os jericos que servem para pas-*

Continua na página 7

CONCURSO DOS PAINÉIS DAS PROAS DOS BARCOS MOLICEIROS

No último domingo, e como estava anunciado, realizou-se, por iniciativa da Comissão Municipal de Turismo, o já tradicional *Concurso dos Painéis das Proas dos Barcos Moliceiros.* Do típico certame, efectuado no Canal Central, junto da entrada da *Feira de Março,* daremos mais circunstanciada notícia no próximo número.